

ITALIA — BOLONHA.

BOLONHA. capital da *legaço* do mesmo nome nos estados pontificios, situada sobre as faldas do Apennino, é sem contestação uma das mais importantes cidades da Italia. Tem de população aproximadamente 80:000 almas.

Não é só porém pela sua situação official, ou prosperidade mercantil que Bolonha se torna notavel entre as demais terras da península italiana, senão pelo grande numero e provada excellencia dos seus estabelecimentos scientificos e litterarios.

A sua universidade, collocada em um edificio espaçoso, e que se diz fundado pelo imperador Theodosio, goza de grande reputação. São dignos de ser visitados o jardim botanico, o melhor da Europa meridional, o museu de antiguidades, o de historia natural, vasto e bem ordenado, a bibliotheca, com 80:000 volumes e 4:000 manuscriptos, e o museu de bellas-arts, contendo uma soberba galeria de

quadros da escola Bolonheza, e alguns primorosos trabalhos de Raphael e do Dominiquino.

Os templos de Bolonha são magnificos, asseverando Gregorio Leti que não ha na Italia cidade mais rica de edificios sacros. Merecem porém especial menção a cathedral e o templo de S. Petronio.

Devem tambem mencionar-se, os palacios *Magnani*, *Bentivoglio*, *Rannuzzi* ou *Bacciocchi*, o theatro, e o palacio do legado. Mas nada merece tanto fixar a attenção do viajante como as altissimas torres que a estampa representa; espanta que sendo tão extraordinariamente inclinadas não tenham já desabado, tão solida é a sua construcção, e tal foi o artificio dos architectos que as levantaram. Ignora-se em que tempo fossem edificadas; o escriptor acima citado não o declara, dizendo apenas que uma fôra erigida á custa da casa *Asinelli*, e que á outra chamava o povo *la Gariscenda*.

MONUMENTOS.

AINDA não ha muitos annos que das columnas d'este jornal se elevaram os primeiros e eloquentissimos brados em favor da conservação dos nossos monumentos. As scenas de destruição, por esse tempo vulgares entre nós, foram castigadas com mão de mestre. Houve alguém que o taxasse de exagerado, mas sem fundamento. Para deter o desassissado que, indo caminho do precipicio, ainda se acha comtudo a alguma distancia, basta uma palavra, muitas vezes um aceno; porém se lhe falta dar o ultimo passo para que se abysme, só um brado temeroso e solemne o fará parar. Era o que acontecia em Portugal quando a voz do sr. Alexandre Herculano se fez ouvir.

E é bem se diga, que por todos foi ella escutada; a uns fortificou-lhes a propria crença; convenceu duvidosos, e até os que pareciam desdenhal-a, esses mesmos se calaram.

E um facto que a vertigem demolidora afrouxou, e que se a reacção não poudo chegar a restabelecer o desejado equilibrio, alguns passos se deram no bom caminho.

Hoje porém que não a voz do gigante, mas seus echos longinquos apenas existem, permitta-se-nos lhes juntemos nossa humilde, mas não menos sincera voz. Da-se preito aos bons modélos, quando pretendemos seguil-os, embora certos de lhes ficar distantes.

A *demolimania* felizmente passára de moda. O camartelo dos *alinhadores* retrahira-se um pouco, é certo; porém, não só o desleixo tem contribuido para a successiva destruição de muitos dos nossos monumentos, como tambem e talvez mais as pretendidas reparações dos pseudo-conservadores.

Entre as fabricas monumentaes que possuímos, algumas ha que servem como de pontos trigonometricos á historia, religião e costumes do seculo em que foram erigidas, e que portanto devem de ser conservadas a todo o custo. Alcobaça está n'este caso; e todavia nem se acha sequer a coberto dos immediatos rigores da estação! As chuvas têm já invadido o templo; de sorte que o resguardo de que poucas vezes carece o casalejo humilde, fabricado de pedra secca e coberto de telha-vã, é, pode dizer-se, uma prerogativa de que hoje não gosa o primeiro monumento do fundador da monarchia!

E comtudo cada gota de agua caída sobre os tumulos de D. Pedro e D. Ignez é um pregão de vergonha para nós, que nenhum estrangeiro que os visite deixará de escutar. Em obra de tal ordem, a sua conservação não só decente mas artistica, é um ponto de honra nacional; e quando mesmo os recursos do thesouro não comportassem as necessarias despezas, haveria ainda o appellar-se para a maioria dos portuguezes, que sabendo se tratava de sustentar o credito e gloria da patria, estamos certos acudiriam por sua honra com os meios de os conservar illesos.

Se uma fracção, se um partido, (ao qual pertencemos) quiz e poudo ainda ha pouco levar por diante uma memoria a D. Pedro IV, e se prepara talvez para erigir outras; muito mais se devêra esperar quando a nação unida por uma só vontade tomasse a peito conservar um ou mais monumentos de recordação para todos veneranda e bemquista; qual o do primeiro Affonso de que fallamos, do rei cuja espada, talhando para si o primeiro throno portuguez, nos decorára ao mesmo tempo com esse nome commum, unico por que gloriosamente nos achamos inscriptos no grande catalogo das nações independentes.

A conservação de um monumento não se resume porém em havermos para occorrer a ella os capitaes indispensaveis. Se é já muito, não é tudo. As aguas que, entregues ao capricho da natural corrente, alagam o campo e o tornam improductivo, levando sementes e desenraizando plantas; são pelo contrario quando encanadas e bem dirigidas o mais poderoso meio da sua fertilidade.

Se os gastos feitos com os monumentos nacionaes tivessem sido superintendidos por pessoas de reconhecida intelligencia artistica e archeologica, é certo que muito mais se houvera aproveitado. O contrario porém é o que por via de regra se tem feito. De raro se encontrará um monumento antigo, onde se não veja a cada passo estampado o sello bastardo do *modernizador* ignorante. A sé de Lisboa, Jeronymos, Mafra e um sem numero de igrejas na capital e suas cercanias dão testemunho irrefragavel do que dizemos.

É um facto deploravel, mas vulgarissimo, o ver-se a sem-ceremonia com que entre nós se decidem as questões mais importantes relativas á conservação e restauração das obras de arte. Julga-se de architectura como de uma especie de medicina caseira, em que todos se têm por conhecedores das melhores receitas, do mais efficaz e ignorado elixir. Ha comtudo uma notavel differença em favor dos medicos e contra os monumentos; e vem a ser: que para aquelles acabam as curandeirices quando o momento de perigo se aproxima; e para estes quanto maior é o damno que estão padecendo, quanto mais proximos se acham de perderem sua existencia historica e artistica; seja a golpes de picareta ou encasulados em chapadas de cal, é então que o vandalo contemplando a sua obra, não de arte, porém de malas artes, nos annuncia o feliz successo de um monumento restaurado, que melhor dissera aborto artistico de um edificio mutilado. Ora se é crime de lesa-nacionalidade o deixarmos perecer á mingua dos precisos reparos essas memorias, que a piedade, o valor e patriotismo de nossos maiores nos legára; é crime de lesa-senso-commum, que ainda é peor, o cotisar-se um paiz pobre em alguns contos de réis a titulo de justa e proveitosa applicação, e dar-se-lhes depois em vez d'isso outra inteiramente contraria e prejudicial. As ruinas de um monumento, não mutilado, podem muitas vezes enriquecer os thesouros da arte; as parvoices architectonicas nunca. Aquellas dão importantes documentos sobre a historia da civilisação de um paiz porventura gloriosa, estas mostram sempre a sua incuria e ignorancia.

Julgar-se-ia que adrede a moderna geração tem consentido na destruição e mutilação dos antigos monumentos, querendo d'esta arte acabar com esses contrastes de suas obras, pelas quaes justamente receia o resultado de uma futura comparação. Mas não é esse o verdadeiro motivo. Justiça a todos, até mesmo aos pseudo-reparadores dos nossos monumentos. Não são barbaros que se deliciem, derrocando as construcções venerandas de seus predecessores, não; acham-se porém incursos no oitavo peccado mortal, que devêra adicionar-se aos sete da doutrina christã, ao menos em relação ás obras de arte; e que se chama ignorancia atrevida. Ignoram, por exemplo, que a arte prescreve diversos preceitos para a construcção de uma fonte ou de um tumulo; e lá surge em Lisboa um chafariz de Alcantara; ignoram que um architecto portuguez edificára no seculo passado o primeiro theatro da capital e do reino; e consentem que um estrangeiro sem habilitações risque o de D. Maria II; deixam que para o pedestal de um monumento se traduza em grande escala o

modêlo de uma antiga bomba de incendios; que as estatuas da dor, e não sei que mais, collocadas n'um cemiterio, provoquem riso; que se besunte de tinta de oleo com seus laivos assim a modo de boa madeira portas de vinhatico e espinheiro; que se branqueiem molduras e ornatos de bom marmore; empobrecendo apparentemente a natureza do material, e deturpando a correcção dos contornos!

Mas que ha de ser se o vereador *pelourista* da maior parte dos municipios, esse a quem por via de regra pertence a parte mais artistica, ou tão só artistica das povoações; sendo aliás perito muitas vezes em avaliar a olho o numero de jardas de uma peça de panno patente, ou as geiras de um trato de terra; ignora todavia as primeiras luzes da arte! Mas para esses perdão, que não sabem o que fazem; porém para os que têm a seu cargo evitar o mal, e que não só o consentem, mas que muitas vezes o sancionam; para esses a culpa, que é toda sua; desde a grave responsabilidade pelos estragos providos do seu desleixo até o ridiculo d'essas decisões falso-artisticas em que têm representado o triste papel do *medicus ex sutore*.

Não basta porém avisar o passageiro que se perdêra do verdadeiro caminho, é preciso que esté se lhe indique. Eis o que vamos tentar.

Já ha alguns annos um joven erudito e nosso amigo, (1) propozera de se crear entre nós uma sociedade similhante á de Oxford, cuja missão fosse a conservação dos monumentos nacionaes. O alvitre innegavelmente bom, parece-nos ao menos por agora de difficil execução. Nem o amor pelas obras de arte, nem os conhecimentos archeologicos se acham convenientemente desenvolvidos em Portugal, para que desde já houvessemos de ter um numero sufficiente de individuos habilitados a levarem por diante o pensamento indicado. Qualquer sciencia ou arte menos conhecida, só com o andar dos tempos e pela contínua perseverança de cultivadores intelligentes, é que chega por fim a vulgarisar-se. Antes d'isso a sua utilidade e importancia, embora reaes e de valia, são como joia occulta, que por ignorada se despreza. Para se estimar a arte é necessario aprendermos a conhecê-la. Mas para que isto se cingia, cumpre despil-a do manto de trévas em que se occulta, apresentando-a em logar proprio e a boa luz, onde possa ser vista e avaliada pelo maior numero. Quem visse durante o inverno e por primeira vez a arvore formada apenas pelo árido esqueleto de seus troncos, mal poderia avaliar os quilates da sua belleza, quando successivamente coberta de flor e fructos. Quem vendo o cantor dos bosques o não confundiria com a ave commum e menos bella, antes de lhe escutar na primavera os suaves accents de seus variados gorgeios? A primeira cousa portanto é popularisar os principios archeologicos; proclamando a sua importancia, espalhando-os, ensinando-os. A' medida que o seu conhecimento se for tornando mais geral, crescendo o numero de avaliadores, crescerá em maior grau ainda o dos amadores; entrará finalmente nos dominios da moda, que lá mesmo nas artes costuma ella influir com seus caprichos; e teremos alcançado o que se deseja. Não vae muito, que só um ou outro curioso se occupava em cultivar flores, e hoje ha centenaes d'elles só em Lisboa; e uma sociedade destinada especialmente a melhorar a sua cultura.

A criação de uma *commissão das artes e monu-*

mentos, fôra quanto a nós a pedra angular do projectado edificio. Tudo quanto respeita aos usos e artes antigas; comprehendendo a meia idade e a epocha do renascimento, faz hoje parte da vasta sciencia do archeologo. O estudo das linguas, historia, paleographia, numismatica, architectura, etc. são já se vê da sua competencia. Porém como é difficilimo, senão impossivel, achar reunida em um só individuo tamanha copia de conhecimentos; entendemos que a commissão devêra compor-se, além dos professores publicos de quaesquer das disciplinas alludidas; taes como os de architectura, pintura e esculptura da academia de bellas artes, o de numismatica da bibliotheca publica, o de paleographia da Torre do Tombo, etc. dos individuos que n'aquelles ou em outros ramos da sciencia tiverem já produzido incontestaveis provas de saber, quer por seus escriptos, quer na direcção de alguma obra de arte importante. Representado assim o complexo da sciencia por pessoa de innegavel competencia, poderia qualquer questão que sobre todas ou alguma de suas partes se suscitasse, ser resolvida por assim dizer esthetica e plasticamente.

Estabelecida uma commissão central em Lisboa, ir-se-iam successivamente creando outras filiaes suas nas capitaes de provincia ou n'aquellas terras onde a sua existencia fosse mais vivamente requerida. Nomeada pelo governo junto ao ministerio de obras publicas, e com o seu valioso apoio devêra uma tal commissão prodúzir necessariamente resultados artisticos do maior momento. Um de seus primeiros trabalhos seria, quanto a nós, a classificação geral dos monumentos nacionaes, por ordem de suas cathogorias, acompanhada de uma succinta explicação, sobre o merito historico e artistico de cada um. A principio os mais conhecidos e importantes, depois com as informações que o tempo fosse ministrando, os mais ignorados e de menor vulto. A' medida que este ou aquelle monumento merecesse ser inscripto na lista duas vezes auctorizada da commissão, já por seu character official, já e sobre tudo pelo infallivel penhor de seus conhecimentos technicos, o interesse e respeito pela conservação de taes obras cresceria forçosamente. Quando o parochio conscio da importancia da arte explicasse singela, mas solemnemente ao povo qual o valor historico ou religioso da sua velha igreja, onde soaram os cantos e preces das gerações passadas; do tumulo cuja ossada jacente pertencêra ao homem de uma vida exemplar, que toda se passara em acções prestadias a seus similhantes; da pedra sem ornato, mas cuja inscripção recorda um feito glorioso praticado outr'ora por um filho d'aquella terra; cada parochiano tornar-se-ia uma sentinella vigilante pela conservação d'essas obras, um historiador singelo de cada uma, um flagello de modernos vandalos quando intentassem destruil-as.

Assim derramando-se os conhecimentos archeologicos, fortificava-se a moralidade dos povos. Lucrava a um tempo a sciencia, a religião e a moral.

Fallamos do parochio, porque nos templos e suas pertencas é onde, por via de regra, se encontram esses gloriosos padrões do viver e crer de antigas eras. A corda das virtudes de nossos antepassados dava-a a religião. Para que os louros da victoria ornassem dignamente a fronte do guerreiro era mister perfumal-os com o incenso queimado em honra do Altissimo.

Vê-se pois que o clero, longe de ser indifferente, devêra pelo contrario quinhoar em grande escala o conhecimento da archeologia monumental. Quantos ecclesiasticos não foram na idade media os unicos architectos de seus templos? Quantos não honraram

(1) O sr. Varnhagen, na sua *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*.

ou antes se não têm honrado, manejando o cinzel do esculptor? Que o digam um santo Eloi, traçando e dirigindo a construção de varios conventos da sua diocese. Fr. Antonio de Villa Castin, um dos architectos do Escorial; os padres Ignacio da Piedade e Vasconcellos e João Chrysostomo, distinctos esculptores portuguezes; como ainda a respeito do ultimo attestam as obras que deixára em S. Antonio dos Capuchos de Lisboa, onde jaz, etc. *Les Bénédictins furent (diz Ramé na sua Historia Geral da Architectura) jusques vers le douzieme siècle les architectes de presque toutes les églises, élevées en occident.*

A criação nos seminarios episcopaes de uma cadeia, onde resumidamente se ensinassem os principios da archeologia, e com especialidade a architectura monumental, fôra tambem, a nosso juizo, um fecundo meio de desenvolver e apurar o precioso cultivo d'aquella arte, quasi virgem entre nós. Se poucas vezes se acharão reunidos em uma só parochia manuscriptos preciosos, recordações historicas, uma architectura de notavel decoração, quadros e estatuas de mestres conhecidos, etc.; não deixará comtudo de haver uma ou outra circumstancia para notar; a grandeza de um edificio, data de sua edificação, e seu estado de conservação quando menos. Rara ha de ser a aldêa que na pobreza de suas construções não encerre uma lembrança util. Os archivos da arte são essencialmente populares: se registram o pronáo sumptuosamente ornado da cathedral gigante, tambem não despresam a ogiva singela da capellinha rural.

Nomeie-se pois essa commissão, conselho, inspecção, (ou como queiram que se chame) para superintender quanto respeite a bellas artes e particularmente á conservação e restauração dos monumentos nacionaes; e far-se-ha com isso ao paiz um serviço importante. Chamem-se a um centro acontecimentos dispersos, reunam-se as luzes da sciencia em um fóco commum; e não só as vereis augmentar de brilho e intensidade, não só as vereis espalhar em direcção mais util, mas ainda crearem-se com seus reflexos outras novas de momentoso proveito para o futuro da arte.

Ao governo pertence dar o primeiro impulso. Inclinem-se por um pouco essas vistas quasi exclusivamente fitas na atmosphera politica para o campo não menos instructivo e proficuo da arte. E se na voz desauthorizada e humilde, mas portugueza, do auctor d'estas linhas achardes motivo de a não attender, lêde os actos officiaes publicados pelo ministerio francez desde 1812 até hoje, sobre o objecto das presentes reflexões; lêde o catalogo da *Librairie Archeologique* de Victor Didron, e achareis n'aquelles muito que admirar e seguir; n'este tudo para vos envergonhardes; se é que sois portuguezes e d'isso vos prezaes.

Mafra, junho de 1854.

J. DA COSTA CASCAES.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

V.

Fenalidade.

PARTE II.

O VERDADEIRO fim da comminação das penas não é prescrever a vingança ou a expiação brutal; mas

sim a moralidade dos actos na administração imparcial da justiça tendente ao melhoramento da sociedade: eis a baze unica e real de todo o systema penal. É certo que ninguem deve abdicar a sua intelligencia e moralidade: todo o membro da sociedade, qualquer que seja o grau ou classe em que o consideremos, tem direitos e deveres a cumprir, importando estes uma correlação reciproca; mas tambem não é menos certo, que sendo a disciplina a alma da força armada, a condição da victoria e dos successos d'ella provenientes, sem cuja acção a coragem e a bravura ficariam estereis, reconhecemos que ella não pode excluir a intelligencia e a moralidade dos cidadãos armados. Ora para conservarmos esse novo estado menos sujeito a conflictos, e a embaraços no exercer da parte d'aquelles que se acham revestidos d'esse caracter, convem determinar com verdadeira intenção moral e juridica os casos de obediencia mais severa.

Demos sim ás prescripções dos regulamentos militares diversas sancções penaes; mas aferidas sempre pelos conselhos da razão, da justiça e da humanidade. Curemos o espirito militar dos habitos de obediencia indevida e do servilismo: é a morte da liberdade e a negação da felicidade dos povos.

A obediencia forçada ao arbitrio dos nossos semelhantes é um jugo real, e só deixa de o ser, quando essa obediencia tem por norte a lei, e o bom serviço por baze um regulamento justo. O que na verdade julgâmos funesto, e que deve desaparecer em todas as espheras da sociedade é a obediencia absoluta aos caprichos da superioridade debaixo de apparencias legaes.

O abuso do commando e muitas vezes de prerogativas assás amplas, é a causa mais fecunda dos desvios e faltas do soldado: são os efeitos ou os excessos da obediencia passiva que o predispõem (forçoso é confessal-o) para que esqueça ou menospreze os seus deveres de cidadão; é a severidade das penas que lhe são comminadas, que o faz desviar do caminho do dever e da razão. A rudeza ou a grosseiria do tom ou a inurbanidade com que muitas vezes um superior dá as suas ordens, são em grande parte a causa da desobediencia; e tornam sempre a obediencia humilhante: é necessario que no exercicio do mando se obre por tal forma, que a dignidade do subordinado seja compativel com a obediencia: ella o será se o superior se servir, para transmittir as suas ordens, das formulas que trouxerem o cunho da urbanidade e da consideração: o soldado por ser soldado não deixa de ser homem; a farda que veste não o torna escravo; ella é tão nobre e honrosa como a do chefe.

O modo de se operar o recrutamento é tambem uma das causas por que o soldado odeia a vida das armas, procurando por todos os modos subtrahir-se a ella: todas as disposições que se têm occupado do recrutamento são deficientes de dados seguros, ficando por isso sujeitas ás eventualidades das circumstancias; e a sua execução a formas vagas e indecisas, e a cargo de individuos menos aptos para semelhantes averiguações e apuramento. É inquestionavel que para se obter um resultado equitativo é mister que presidam á composição de um conselho ou junta, (especialmente encarregada de rever as operações do recrutamento, e de ouvir as reclamações dos interessados, e julgal-as em sessão publica) os principios de reconhecida sabedoria e prudencia; por quanto no exercicio das suas funcções se apresentarão não poucos interesses em opposição, que será forçoso conciliar, fazendo calar antigos odios, e desvanecer temores exagerados; missão em verdade ar-

dua, penosa e difficil: por quanto facilmente os homens attribuem um pensamento hostile ou de arbitrariedade maior ou menor áquelles que se acham encarregados de fazer executar a lei com rigor inflexivel. Portanto, para que as operações de semelhante conselho estejam ao abrigo da accusação de injustas ou oppressivas, é de alta conveniencia, não só em relação a este objecto, mas a muitos outros de interesse publico, que por todos os modos se procure sanar a origem d'esta lucta obstinada entre o espirito popular e o do exercito, fazendo com que a lei e mais disposições, que presidirem ao recrutamento, não deixando de seguir a sua marcha firme, exacta e rigorosa, sejam ao mesmo tempo populares e paternaes ou beneficicas; e que sómente tenham em vista fazer povoar as fileiras de homens morigerados, e não de vadios, ou da escoria da sociedade. Com taes elementos será facil a applicação das modificações que propomos no systema da penalidade militar.

J. C. DA SILVA.

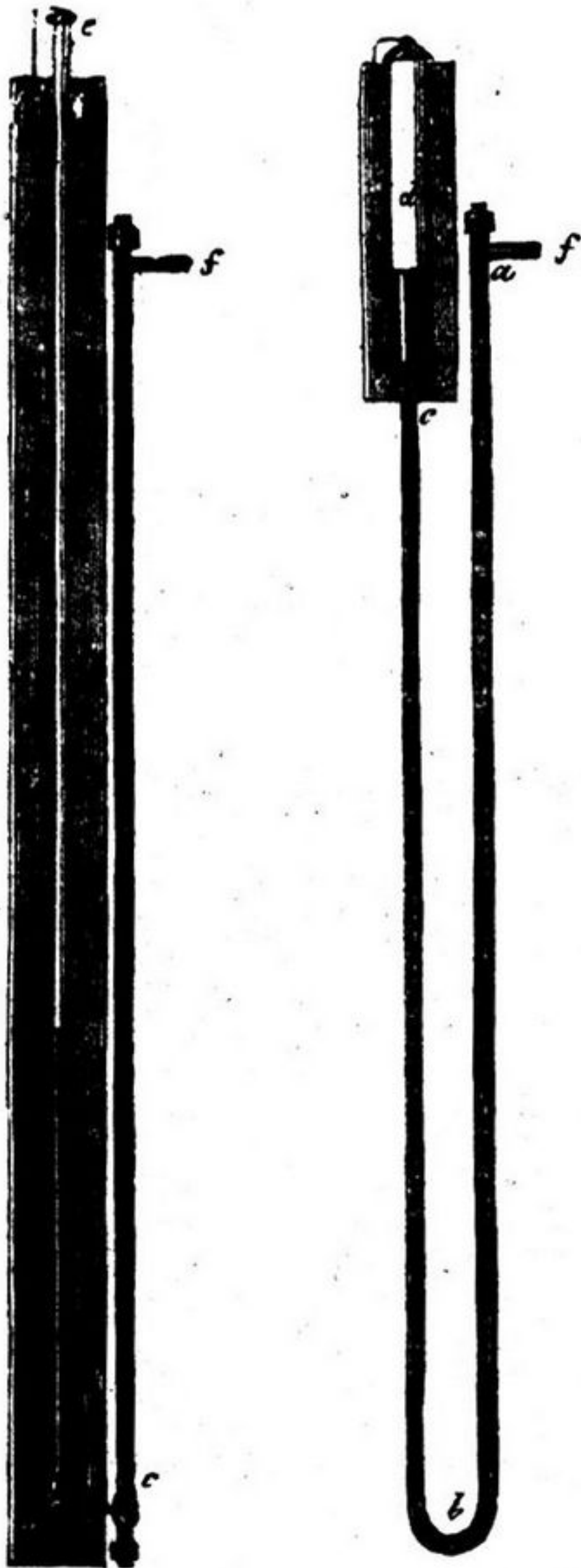


FIGURA 1.

FIGURA 2.

MANOMETROS.

A FORÇA energica que a acção do calor accumula nas caldeiras das machinas de vapor é susceptivel de produzir os mais desastrosos effeitos. Quando ultrapassa

um certo limite pode fazer rebentar as paredes que a contém.

Os engenheiros machinistas tem estudado e posto em pratica varios meios para evitar semelhantes desastres, munindo as caldeiras de certos orgãos especiaes, que augmentando a sua solidez tornam mais difficil a repetição de sinistros.

Todavia é incontestavel que aquelles engenheiros não têm conseguido satisfactoriamente o fim desejado, e hoje considera-se como mais effizaz o cuidado que empregam os *conductores* de machinas de regular a acção do fogo de tal sorte, que a tensão do vapor ou a pressão exercida por este nas paredes das caldeiras não exceda certos e determinados limites.

Era pois da maior importancia achar um instrumento com o qual se pudesse avaliar de um modo facil e infallivel a tensão do vapor. Este *desideratum* conseguiu-se com a invenção do *manometro*.

A tensão do vapor calcula-se sobre a pressão atmospherica correspondente á que exerce sobre a sua base uma columna de mercurio de 76 centimetros de altura. Esta pressão, ou na linguagem technica, *atmosphera*, é pois a unidade de medida segundo a qual se graduam os manometros, qualquer que seja o systema da sua construcção.

São muitos os instrumentos d'este genero, que hoje se empregam na industria; distinguem-se pelas denominações seguintes: manometros ao *ar livre*, de *ar comprimido*, de *diaphragma*, e *thermo-manometros*.

O manometro mais singelo e mais exacto ao mesmo tempo é o que representa a figura 1. Compõe-se de um longo tubo de vidro *bb*, aberto em cima, e mettido na parte inferior em um pequeno reservatorio metalico *a*, contendo mercurio. Superiormente ao mercurio do reservatorio ha um pequeno espaço no qual se abre um tubosinho horizontal *d*, que se liga com um segundo tubo vertical de ferro *cc*, tapado de ambos os lados, onde entra, na parte superior, o tubo *f*, que tem por fim transmittir ao instrumento a pressão do vapor. Quando o manometro funciona o tubo de ferro enche-se de agua, e esta agua impellida pelo vapor da caldeira, opera sobre o mercurio do reservatorio *a*, e faz subir no tubo de vidro uma columna de mercurio, que se eleva até se equilibrar á pressão do vapor.

O manometro acha-se graduado em uma peça sobre que se fixa o tubo de vidro, e cada grau é dividido em dez partes iguaes, como indica a figura.

Posto que o tubo *bb* deva ser aberto na parte superior para communicar livremente com o ar atmospherico, é costume pôr-se-lhe uma rolhasinha de pau *e*, para evitar que se extravasem algumas gotas do mercurio, em consequencia das oscillações que a columna experimenta por virtude das variações repentinas da pressão.

As indicações d'este instrumento são directas e precisas, e por isso se denomina *manometro normal*, sendo a elle que se recorre para a verificação dos que se têm construido segundo outros principios.

Infilizmente apresenta um grave inconveniente, isto é, o seu grande comprimento, que torna a sua collocação difficultosa.

Pode substituir-se n'esta especie de manometros ao tubo de vidro *bb* um tubo metalico; e as variações da columna de mercurio são indicadas então pelo movimento de um pezo suspenso por sóra do tubo, e que está prezo por um fio a uma peça collocada interiormente, e que sobe ou desce com a columna de mercurio.

Para facilitar a observação das variações da columna de mercurio pode dispôr-se o instrumento como o representa a figura 2.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS
DE ENSINO DO LER E ESCREVER.

O que hoje vamos publicar no Panorama sobre os diferentes methodos do ensino primario em Portugal é extrahido de um livro que eu e o meu prezado amigo, o sr. Julio Caldas Aulete, já ha algum tempo escrevemos para, com outros trabalhos analogos, servir para a historia da instrucção publica em Portugal.

Compulsamos tudo o que havia escripto e impresso sobre o assumpto especial da instrucção primaria, desde a cartilha e a grammatica de João de Barros, o primeiro auctor que deu regras para o ensino da leitura, até os methodos conhecidos e vulgarizados nos nossos dias.

O livro, obra de erudição, e de erudição muito positiva e muito arida, não poderia de certo caber inteiro nas columnas do Panorama. Julgamos porém que prestaríamos um serviço ás letras, transcrevendo para aqui os capitulos que se referem a escriptores que, sendo de nome jústamente popular, pelos seus escriptos, propriamente litterarios, souberam gastar algumas horas dos seus ocios, contribuindo com o subsidio modesto de cartilhas e livros pedagogicos, para que se facilitasse e se diffundisse em Portugal o ensino das primeiras letras.

Devo aqui declarar que a maior parte do trabalho de investigação pertence ao meu amigo o sr. Caldas, que buscou com uma infatigavel dedicação todos os livros e manuscritos que poderiam illustrar a questão que nos propunhamos resolver. A critica dos methodos é o resultado das frequentes conversações, em que sem as pompas da argumentação e sem os arrebiques da disputa academica, d'onde nada se pode colher, discutiamos familiarmente, e mutuamente communicavamos as nossas objecções e conjecturas.

É a primeira vez que posso dizer de um escripto em que figura o meu nome, que alguma cousa ha n'elle de bom, de util, de bem pensado. E n'esta occasião não me inibe a modestia, que eu elogio um trabalho em que a minima parte me pertence, porque tendo geralmente todas as obras litterarias perfeições e defeitos, posso afirmar que no livro de que hoje damos os extractos, o que ha de bom é o fructo do estudo e da rara sagacidade do sr. Caldas, cabendo-me a mim, pois alguma cousa me ha de pertencer como seu collaborador, o que no livro haja de mais vulgar e defeituoso.

Aproveito jubiloso esta occasião de infringir os preceitos que me impõe a extremada modestia do sr. Caldas, para lhe render aqui este pequeno elogio, em tempos em que no meio das falsas reputações e dos orgulhos vãos e insolentes, o verdadeiro talento é preciosidade rarissima, e o talento modesto quasi um milagre. (1)

JERONYMO SOARES BARBOZA.

ENTRE outros trabalhos importantes que nos legou Soares Barboza avulta o seu livro *Escola popular das primeiras letras*. A primeira parte d'esta obra é dedicada ao ensino do ler, e serve ao mesmo tempo de directorio das escolas primarias; pois que o professor acha n'ella os diferentes processos de ensinar a ler, e as razões philosophicas em que funda o seu systema orthoepico, que serve de baze a esta parte do seu livro.

(1) Esta introdução devia ter precedido o primeiro dos fragmentos publicados. Por descuido deixou de inserir-se no logar proprio, e agora, por necessaria, se dá á luz.

É quando se dirige ao professor como philosopho que Soares Barboza mais se torna digno de ser estudado. A sua longa pratica do ensino publico, a experiencia que obteve como visitador das escolas primarias na diocese de Coimbra, o amor decidido que tinha pela infancia são uma garantia do esmero, da consciencia e do rigor com que este seu livro foi elaborado.

O modesto escriptor publicou este trabalho anonymamente, não porque o reputasse inferior ás outras obras que correm sob o seu nome, mas sim porque sendo elle o visitador das escolas primarias não se attribuisse a vangloria o obrigar o professor a ensinar por elle. Das difficuldades que encontrou na sua composição nos dá testemunho na epigraphe que poz á frente do seu livro.

Fronte exile negotium,
Et dignum pueris putes;
Aggressis labor arduus.
Terentian. Maurus.

Copiaremos agora de um dos seus relatorios que existem ineditos, como visitador das escolas publicas, alguns trechos, que abonam sobejamente o que acabamos de avançar. É notavel que os vicios que então Soares Barboza censurava nas escolas, e para os quaes apresentava os meios de os remediar, hoje, na sua maioria, ainda são uma fatal verdade.

« Cuidam os mestres que basta saber ler e escrever praticamente para tambem o poder ensinar; quando é certo que quem sabe ler e escrever bem, pode não o saber ensinar. Se ha algum conhecimento humano que seja um invento puro da arte é este. A reflexão só lhe deu origem, e esta mesma é quem a conserva e aperfeiçoa. Raro é o mestre que saiba por principios esta arte; e nenhum ha que a saiba em toda a sua extensão e perfeição. Todos ensinam, mas sem saber o que ensinam. Para saber ensinar a ler é necessario saber analysar os sons da nossa lingua, tanto simples, como compostos, e os caracteres litteraes que o uso escolheu para os figurar aos olhos; e para ensinar a escrever bem, é necessario saber fazer a mesma analyse dos caracteres distinguindo pelas pennadas as suas partes essenciaes e characteristics das que são arbitrarías e de mero capricho. Para tudo isto é indispensavel o conhecimento das duas partes da grammatica portugueza, a orthoepia ou verdadeira pronunciação, e a orthographia ou a verdadeira representação litteral dos mesmos sons. Da primeira nada entendem, e da segunda pouco, e isto mesmo muito poucos. No estado presente das cousas não acho outro remedio a este mal do que o mandar ordenar uma arte exacta de ler e escrever, em que se exponham clara, breve e simplesmente os verdadeiros principios da leitura e escriptura portugueza, ensinando-se na primeira parte a distinguir e determinar bem todos os sons simples da nossa lingua quer inarticulados, quer articulados e as letras tanto vogaes, como consoantes com que o uso os representou, subindo depois aos sons compostos da mesma, quer sejam diphthongos quer syllabas: e sobre estes principios certos, lançando os abecedarios e syllabarios bem completos e ordenados da nossa lingua, e ensinando aos rapazes o modo facil e genuino de soletrar, que não é certamente o que até agora usaram e usam nas nossas escolas de Portugal, etc.

« Pelo que pertence ás escolas de ler, escrever e contar, estas ainda se acham em maior falta de bons abecedarios, e syllabarios, de livros de leitura, de taboadas, e regras de conta, de traslados para escrever, e de cathecismos da religião e civilidade pa-

ra os aprenderem. Estas escolas são as mais numerosas, e compostas quasi todas de crianças pobres, desprovidas de manuscriptos, de livros, de papel, tinta, pennas, e de tudo o mais que é indispensavel para a sua instrucção. Os paes, que pela maior parte são jornaleiros, recusam-se a todas as representações que sobre isto lhes fazem os mestres, e não querem dispendir nada n'estas mesmas bagatellas.

« Os mestres não estão obrigados, nem podem, nem querem supprir a todas estas necessidades, e alguns mais zelosos, precisados a suppril-as de algum modo, dando tudo isto de propria mão a seus discipulos, o fazem muito perfunctoriamente em bocados de papel, com muita pressa e com mil defeitos, nascidos já não só da sua ignorancia, mas ainda da necessidade em que se vêem de acudir com tudo isto da propria mão a escolas numerosissimas.

« Muitos mestres têm recorrido por vezes ao ex.^{mo} bispo d'esta diocese para lhe mandar dar por esmola cathecismos para o uso das suas escolas, por onde os meninos possam aprender ao mesmo tempo a ler, e a doutrina christã; e sua ex.^a tem deferido as suas supplicas. Porém este soccorro, nem é geral, nem perpetuo, nem sufficiente.

« É um espectáculo bem terno, e ao mesmo tempo bem lastimoso, ver nas visinhanças das escolas as crianças e as suas mães sair das casas e dos seus trabalhos ás estradas publicas, e cercarem os viajeros para lhes pedirem a esmola de uma carta, ou outro qualquer papel escripto para poderem aprender.

« Em quanto pois se não ordena uma nova escola, segundo o plano, que acima disse; deve-se formar logo uma breve, escolhendo das que existem a melhor, e imprimil-a; e para as crianças a não estragarem toda ao mesmo tempo, repartil-a em quatro cadernos: o primeiro dos quaes contenha os abecedarios, syllabarios, e os primeiros ensaios da leitura; o segundo um pequeno cathecismo de doutrina christã e os primeiros principios da civilidade, para por elles se exercitarem na leitura, e juntamente irem aprendendo o que mais importa. O terceiro os principios da calligraphia, ou arte de escrever bem, com os traslados sufficientes de talho-dôce, e as regras geraes da orthographia ou arte de escrever certo, communs a ambas as orthographias tanto da pronunciação, como da etymologia, quaes são só as das letras iniciaes maiores, as da pontoação, e as da divisão das palavras. O quarto, as taboadas, e as quatro operações vulgares da arithmetica pelo methodo mais simples e pratico. Tudo isto não deve levar mais de seis folhas de papel impresso, para ficar o menos dispendioso que puder ser. Esta pequena obra, mas utilissima e necessaria, deve-se imprimir na typographia da universidade, e em beneficio da pobreza, vender-se pelo mesmo custo da impressão, que deve ser pelo menos de cinco mil exemplares.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

XIII.

GOVERNADORES como Pedro Alexandrino vão poucos ás nossas colonias; porém mesmo uma serie de vinte administradores como aquelle, não elevariam o reino d'Angola ao grau de prosperidade de que é susceptivel. O defeito principal está na organização; os homens só tem aggravado o mal.

Quem visitou algumas das florescentes colonias bri-

tanicas ou hollandezes, e que viu ahí os milagres do bom regimen, pasma da nossa incuria ao aportar nas provincias ultramarinas de Portugal. Já fiz um rapido esboço da miseria em que vegetam as ilhas de S. Thomé e Príncipe; e posto que Angola tenha avançado alguns passos na estrada dos melhoramentos, está muito longe de attingir a desejada perfeição. Angola podia substituir para nós o Brazil. Todos os generos, chamados coloniaes, que importâmos d'aquelle imperio, produzem optimamente em nossas possessões da Africa occidental, e alguns são aqui ainda de melhor qualidade: o café por exemplo.

Será crível que, com boas garantias por parte do governo, se não possa organizar em Portugal uma companhia poderosa para explorar as riquezas das nossas colonias? Quero crer que era possivel. E porque se não lança mão d'este meio, unico de as salvar, e ao mesmo tempo de nos collocar em uma posição mais vantajosa entre as nações da Europa? É um mysterio!

Não estou escrevendo novidades; tem-se dito isto mesmo cem vezes, mas é clamar no deserto. Restabeleceu-se o conselho ultramarino, ha tres annos, e as colonias ficaram como estavam; criem mais uma duzia de tribunecas identicas, e o estacionamento continuará. Porém organizem uma companhia forte, auxiliada, de boa fé, pelo governo, e verêmos se é o mesmo.

Em Inglaterra muda o ministro das colonias, mas não varia com a politica do gabinete o conselho das mesmas colonias, nem a direcção da companhia das Indias; por isso tem Calcutta, Madrasta, Bombaim, Ceylão, Melbourne, Adelaide, Hong-Kong, cidades de palacios, cujos portos estão continuamente atulhados de navios, e nós temos Gôa a desabar, Macau sem commercio; cidades de palhoças em S. Thomé e Príncipe, e seus portos desembaraçados de embarcações; Mossambique em ruinas, Angola apenas com a apparencia de grandeza!... É triste cousa o meditar n'esta miseria, e comparar os portuguezes de hoje com os de ha trescentos annos!

Um dos antigos elementos de civilização depois da conquista, e muitas vezes elle mesmo instrumento da conquista, era a missão; porém os missionarios acabaram litteralmente: disse-me quantos ha no Congo, quantos na China... nenhum! E discute-se o padroado real como uma questão de enfeite para a corda dos nossos reis. Não se trata de fazer effectiva a missão; quer-se o direito, e não se querem cumprir as obrigações a elle inherentes. Morrem os padres portuguezes nas igrejas da India, não ha outros que os substituam da mesma nação... o que hade succeder? Vae um francez ou italiano da propaganda administral-as. Que pretendiam? Era melhor ficar aquella christandade sem auxilios espirituaes? A questão do nosso padroado, assemelha-se aos bloqueios de papel, isto é, decretados, mas sem esquadra que os torne effectivos. Aonde está o viveiro de missionarios depois da extincção das ordens religiosas? Não sabemos.

O quadro é triste em todos os seus detalhes! Os padres não querem largar o bello clima de Portugal, para irem devassar os sertões do Congo; os funcionarios publicos todos nós sabemos como são escolhidos; aos militares só lhes importa ganharem o posto de accesso, e concluir depressa o tempo de serviço na colonia; aos facinoras degradados é que se confiam as armas, e a guarda da propriedade e da vida dos colonos; o commercio tende sempre para o contrabando, por que a escravatura é o que dá mais lucro, exportando-a, visto que não merece a pena aproveitar ali os braços que vão fecundar a Ameri-

ca... Que resta pois? Resta o estado de miseria a que vemos reduzidas as nossas riquissimas possessões de ultramar!

XIV.

Para que se não diga que apenas nos limitamos a uma lamuria rotineira, vamos, a largos traços, copiar para aqui as idéas que ha muitos annos nos andam na cabeça, com referencia ao melhoramento das colonias, limitando-nos comtudo a esta parte especial da Africa.

Organise-se uma companhia poderosa (não sei de quantos milhões) dê-se-lhe a investidura da soberania (por tantos annos, e com certas restricções) de todas as possessões portuguezas da costa oriental e occidental d'Africa, e ilhas de S Thomé e Principe; que o presidente, governador ou chefe d'essas provincias seja escolhido pelo rei sobre lista triplice apresentada pela companhia; que os demais empregados sejam inteiramente da confiança da companhia, e que os funcionarios civis e militares do estado, que ella quizer empregar e que se não opponham a servil-a, sejam licencceados pelo governo, e considerados como em serviço do estado para todos os effeitos, menos a percepção de ordenados. Que repartições tão bem montadas que ali se encontrariam; que formoso exercito! A legislação commum do reino só seria alterada com approvação das côrtes, ou de uma delegação sua, authorisada por lei; e os juizes de primeira e segunda instancia, nomeados pelo rei, ouvindo a direcção da companhia, seriam inamoviveis como os do reino, mas pagos pela companhia.

Isto não é um projecto de lei; é um esboceto de velhas recordações cuja baze nos parece solida e util.

Vejâmos. A companhia começava a arrotear aquelles feracissimos sertões de Angola e Benguella, e começava igual trabalho na contra-costa, posto que com mais difficuldade; o tempo, a perseverança, e o util emprego dos capitaes fariam encontrar no caminho estes mineiros da civilisação, que partiam de oppostos lados, e um dos maiores passos para o engrandecimento da Africa estaria dado! E não é isto nenhuma cousa impossivel; com a mira em pequenos lucros já alguns homens têm atravessado pelo sertão de uma a outra costa da Africa; o ultimo exemplo d'esta atrevida empreza teve logar ha pouco mais de dous annos, apparecendo em Benguella tres mouros, seguidos de 40 carregadores, que vinham de Zamzibar; gastaram seis mezes em percorrer tresentas leguas! E atreveram-se a régressar pelo mesmo caminho!!

Se houvesse caminho... não digo de ferro, nem mesmo estrada a Mac-Adam... se houvesse caminho, que immensa permutação de generos se não faria de uma para outra costa, sem medo das furias do Adamastor.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

BIBLIOGRAPHIA.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, colligidas em nova e completa edição; dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. — Lisboa 1853. 6 vol. 8.º

A publicação da collecção completa das *Poesias* do nosso mais popular poeta moderno era cousa ha

muito desejada pelos amadores da boa litteratura. As obras de Bocage, parte impressas em papeis e folhetos avulsos, parte em collecções incompletas, desordenadas e incorrectissimas; publicadas em varios tempos, por diversos editores, e com fins e intentos diversos, eram extremamente difficeis de colligir, e tornavam-se o aborrecimento dos leitores, e a desesperação dos bibliographos. A idéa pois de dar á luz n'um só corpo as obras de Bocage não podia deixar de ser bem acceita pelo publico. O editor escolheu as *Poesias* para primeiro ensaio; e na verdade acertada foi a escolha, porque nas poesias é que consiste o grande e principal merito de Bocage.

Os leitores do Panorama conhecem o primoroso trabalho, que com o simples titulo de *estudo biographico e litterario* sobre Bocage compoz o sr. L. A. Rebello da Silva, e acompanha tambem a edição, que agora annunciâmos. Seria repetir inutilmente o que pelo sr. Rebello da Silva já está escripto n'este mesmo volume e no antecedente, se aqui tentassemos novamente alludir aos successos da vida do poeta, ou julgar do merecimento de suas obras. N'essa parte deve estar completamente saciada a curiosidade dos leitores do Panorama.

Só nos resta dar noticia da edição. Consta ella de seis volumes. O 1.º contém os sonetos, divididos em quatro livros a saber: livro 1.º Sonetos eroticos: livro 2.º Sonetos moraes e devotos: livro 3.º Sonetos heroicos e gratulatorios: livro 4.º Sonetos joviaes e satyricos. O 2.º vol. contém odes, canções, cantatas, cantos, elegias, epicedios e idyllios. O 3.º vol. comprehende epistolas, satyras, apologos, epigrammas, quadras e mottes glosados, allegorias, cançonetas e endechas. O 4.º vol. elogios, dramas allegóricos, poematos, metamorphoses de Ovidio traduzidas e outros trechos e episodios traduzidos. O 5.º vol. as traducções dos *Jardins* de Delille, das *Plantas* de Castel, da *Agricultura* de Rosset. O 6.º vol. finalmente contém a traducção do *Consortio das Flores* de Lacroix, tragedias e fragmentos de tragedias.

O sr. Innocencio Francisco da Silva, modesto e laborioso cultor das letras patrias; critico sincero e atilado; bibliographo pacientissimo e infatigavel, mostrou n'esta edição como se devem dispôr e ordenar as obras de um auctor polygrapho; como se devem estremar as genuinas das apocryphas; como se devem restituir as lições deturpadas; e finalmente como em breves e concisas notas se deve esclarecer o leitor, e encaminhal-o a perceber o sentido de logares, que o tempo tem tornado menos intelligiveis.

Do sr. Antonio José Fernandes Lopes, editor, muito teriamos que dizer, se nos não embargasse a consideração de que é elle ao mesmo tempo editor e proprietario do proprio jornal, em que isto escrevemos. Mas é impossivel passar em silencio que deixando a outros o systema mesquinho das cadernetas, publicou os seis bellos volumes das *Poesias de Bocage* dentro de mui poucos mezes; que a execução typographica d'esta obra rivalisa em nitidez com as melhores; que o editor não recuou diante da certeza de empatar grossos cabedaes n'uma publicação, que attentas as condições do nosso mercado de livros, e os pequenos recursos de uma typographia nascente, se pode chamar colossal; e finalmente que nada d'isto obstou a que o preço seja assaz modico e rasoavel.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

— A meditação profunda habitua a alma a viver como que solta inteiramente das terrenas prizaões.